

# MEMÓRIA E MÍDIA : A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO HOMOAFETIVO

Quezia Fideles Ferreira (UFPB)  
queziafideles@hotmail.com

## Introdução

Uma das principais características da pós-modernidade é a diversidade. Vivemos em um ambiente plural, multifacetado, que nos apresenta, diariamente, inúmeras possibilidades de ler, de compreender e de interagir com outro. É por meio da linguagem, imersos na dinâmica da prática social, que os sentidos e os sujeitos, inseridos no processo de significação histórica e intimamente atrelado as suas condições de produção e de existência produzem efeitos de sentidos.

Constituídos, segundo a tese defendida por Althusser(1985), como sujeito pela interpelação da ideologia, os nossos discursos revelam nossa inscrição socioideológica (FERNANDES,2005), por estarem condicionados a interdiscursividade (ORLANDI,2010) inerente a formação do dizer, são veículos que disseminam teses que resguardam ideologias distintas que permeiam diferentes formações discursivas, representada nos fios ideológicos que alicerça os dizeres. Os discursos, portanto, escreve os seres sociais, no universo dinâmico da linguagem e personalizam a sua identidade.

Tendo como imanente a diferença, as vozes que constituem o discurso dos sujeitos, na atualidade, vinculam variados gestos de interpretação que tem gerado interrogações sobre a natureza das identidades que emergem no cenário social.

Na questão da pluralidade discursiva, insere-se as discussões sobre a identidade de gênero. A esse respeito, enfatiza Navarro(2008), verifica-se uma desestabilização das velhas identidades em detrimento do advento de novas identidades, em circulação no intercâmbio social.

Frequentemente, nos deparamos, nos discursos midiáticos, que atingem os diversos sujeitos, inscritos em distintas formações discursivas, com questionamentos que versam sobre a complexidade da natureza da identidade do sujeito homoafetivo. Constituídos por uma dinâmica de constante movimento, deslocamento, esses discursos emergem sentidos outros e outras posições sujeitos que vem interrogando, inquietando e despertando o interesse dos sujeitos leitores.

A intensificação dessas discussões deve-se a imigração desses sujeitos, da esfera privada, lugar de existência dos sujeito e dos sentidos silenciados e censurados ao longo do tempo por demonstrarem incompatibilidade com a filiação de memória que sustenta as práticas da ideologia dominante, para a pública, lugar em que esses sujeitos e sentidos assumindo formas de resistência a ideologia dominante (r)existem e adquirem visibilidade se afirmando no meio social.

Tendo em vista à pluralidade discursiva que enquanto um poderoso veículo comunicação de massa, a mídia virtual, vincula no social, contribuindo, decisivamente, para a formulação dos estereótipos que sustentam as imagens de gênero Gallo(2011), afirma que o meio virtual é um espaço discursivo de circulação no qual há o encontro de sentidos

heterogêneos, que resulta na produção de novas textualidades, novos efeitos de sentidos e novas discursividades.

Compreendendo que enquanto efeitos de sentido entre os interlocutores, o discurso existe em função do outro, em detrimento das imagens elaboradas e da projeção que o sujeito constrói para si mesmo, como autor, e para o outro, como interlocutor e reafirmando a importância da mídia como divulgadora dos discursos filiados à diferentes histórias de memória, esta pesquisa objetiva investigar, tendo como objeto de estudo a projeção na pós-modernidade da identidade social do sujeito homoafetivo, vinculada no discurso da internet, materializados nas charges virtuais, de autoria de Carlos Latuff, quais os sentidos sobre o sujeito homoafetivo, instituídos pela história, são retomados pela memória, no momento em que a mídia constrói e faz circular, na sociedade do discurso, o referido tema. Para isso nos respaldaremos teoricamente nos conceitos advindos da Análise do Discurso, de linha francesa, e da teoria foucaultiana.

### ***1-Memória, sujeito e construção discursiva***

Condicionado a determinantes linguísticos e históricos e estando sujeito a falhas e a equívocos, o discurso é o lugar de repetições, de retomadas, de esquecimentos, de silenciamentos e de acréscimos. Segundo Courtine (2006) o discurso é um lugar de memória, como tal, é o espaço de existência histórica dos enunciados regulados pelos aparelhos ideológicos (COURTINE, 1981).

A análise do discurso em seus estudos, pensa a memória como pano de fundo do discurso, que atualiza-se, continuamente, por meio de uma dialética de repetição, de regularização e de deslizamento dos sentidos. A memória discursiva é “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos.” (PÊCHEUX, 2010. p.56)

A memória discursiva é o saber discursivo que está imerso nos discursos em circulação no meio social e que sustenta todas as posições sócio-histórica e ideológica dos sujeitos inserido na prática dinâmica da linguagem. Segundo Orlandi (2010) que compreende a memória como interdiscurso

É o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como os sujeitos significam uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2010. p.31)

A memória discursiva refere-se, de acordo com Indursky (2011. p.87) “ não a todos os enunciados, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela Formação-sujeito no âmbito de uma formação discursiva” diz respeito, ainda, segundo a autora, aos sentidos que são refutados e que por isso não podem ser ditos e aqueles que devem ser “esquecidos”. A memória discursiva compõe-se desse conjunto de ecos de natureza coletiva e social, age como reguladora dos sentidos que nela ressoam, autorizando e interditando dizeres.

É informado por esse saber discursivo que frente ao objeto simbólico os sujeitos afetados pelo inconsciente e pela ideologia atribuem sentidos. Esse sujeito, concebido discursivamente, tem a ilusão de ser fonte e origem do seu dizer, é pensado em relação a posição sujeito que ocupa, inscrito em uma formação discursiva, que relacionado a uma formação ideológica produz sentidos.

A formação discursiva informada pela memória que ali circula e reveste de significado os dizeres alicerça a vontade de verdade sustentada em determinados discursos. É partindo da compreensão do conceito de formação discursiva “ como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja , a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser escrito” (ORLANDI,2012.p.43) que os sentidos das palavras tem o seu cerne na formação discursiva em que se inscrevem,não estando ,pois os sentidos pré-determinado ,a priori.

Portanto, os discursos que tecem a trama textual são rememoração de diferentes espaços de memória que alicerçam teses que ora ratificam-se ora contradizem-se sobre os mais variados dizeres que tem sido tema de debates entre os sujeitos sociais.Esses discursos,ancorados em espaços de memória distintos ,disseminam vontades de verdades que tem sido problematizadas nos mais diversos meios de divulgação discursiva.

## ***2- Identidade, homoafetividade e mídia***

Como um fenômeno ao mesmo tempo social e individual, a natureza do sujeito homossexual tem sido objeto de interesse de várias áreas científicas.Em uma visão ampla, seu estudo está associado as questões de saúde,terapêuticas, sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Segundo Nunes & Ramos(2011), esses estudos associados as características biológicas ou ambientais, atribuem um caráter redutor as explicações sobre a identidade homossexuais e tem como resultado imediato uma inteligibilidade no tocante a compreensão da natureza destas questões.

Barbero (2003) ,afirma que essas pesquisas tem como referencial a análise de aspectos psicológicos e biomédicos, que fundamentadas na pressuposição da “normalidade” heterossexual ,concebe a homossexualidade como tipo de patologia psíquica,seria, portanto , um distúrbio de identidade, e não uma doença ou uma escolha consciente.

Defendendo a tese de que a identidade por natureza está em constante movimento,Hall (2005) , afirma que ao serem produzidas em locais históricos e institucionais específicos,as identidades são elaboradas no exterior do discurso em consonância com formação discursiva dos sujeitos,alem disso enfatiza que :

elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim,mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que signo de uma unidade idêntica naturalmente construída,de uma “identidade” no seu significado tradicional-isto é uma mesmidade que inclui,uma identidade sem costuras,interiça,sem diferenciação interna ((HALL,2005.p.109).

Ocorre que nas praticas pós-modernas ,as identidades de menor prestígios, são vitimadas por discursos alicerçados em vontades de verdade que apoiadas nos estereótipos, de natureza frequentemente negativa(POSSENTI,2010), sancionados pela ideologia dominante, vinculam práticas de preconceito, discriminação, censura e de silenciamento que resulta na marginalização das identidades, vista como anormais.

As práticas de preconceito e discriminação ,devido a orientação sexual e identificação de gênero,direcionada aos grupos denominados homossexuais, homoeróticos, terceiro sexo, homoafetivos entre outras nomenclaturas(DIAS,2011) inicia-se na infância. Segundo Silva(2005), é nessa fase em que aprendemos a nos comportar de acordo com as imagens de gênero, assumida pelos nossos país ,que desde cedo incutem-nos o papel de ser

homem ou mulher e a percepção que há um diferencial no sujeito homossexual. Essa lição tem como escopo a formulação de um estereótipo, elaborado a partir do princípio de composição da sexualidade entre pares distintos, arraigado na existência de uma matriz sexual religiosa regulado na masculinidade adâmica, (LEON,2007). Ao vincular o discurso absoluto de que a identidade heterossexual historicamente está em consonância com o correto, o possível, o permitido socialmente, a instituição interdita outro discurso, tão antigo quanto o da teoria da evolução da espécie humana e tema de debate desde os primórdios da humanidade, o da existência de sujeitos homossexuais.

Desse ato de aceitação e interdição das ideologias que são vinculadas nos discursos resulta a construção da relação dicotômica entre identidades prestigiada, a heterossexual, e identidade desprestigiadas, a homossexual, visto que a diferença é inerente a essa construção da identidade, a dicotomia é necessária a construção identitária dos indivíduos, pois estabelece a relação entre o eu e o nós (SILVA,2005).

Conceituadas na pós-modernidade como identidades emergentes, para Silva (2004) as práticas de resistência de tais grupos vem se efetivando graças a circulação dos discursos socioculturais. Esses dizeres constituem uma teia discursiva que funcionam como “balizas tomadas para a possibilidade de anunciação, aceitação/validação ou negação de dadas identidades” (op.cit,p.159). A construção das representações sobre homossexualidade está sendo perpassada por um processo de ressignificação.

Diante dessa realidade, verifica-se que nas práticas discursivas da sociedade, há uma grande diversidade de dizeres filiados a redes de memória que dada e atual conjuntura sócio-histórica apresenta dizeres convergentes e divergentes que representam os diversos gestos de interpretação sobre a identidade homossexual (SCARDUA, FILHO & ALVES, 2009). No domínio público, o aumento das discussões sobre natureza desses sujeitos deve-se a recorrente divulgação, na mídia escrita e falada de notícias que versam sobre a sua identidade

### ***3-A charge virtual e a construção da identidade homoafetiva***

As questões que versam sobre a identidade de gênero tem sido tema recorrente de debates na esfera virtual. Especificamente, no que diz respeito a identidade homoafetiva, verifica-se, nesses ambientes, uma proliferação de discursos heterogêneos, direcionados a distintos sujeitos-leitores. Inserido neste universo discursivo, as charges virtuais, vincula discursos advindos de formação discursivas e, portanto, ideológicas, distintas, se constitui como uma materialidade que ao propagar vontades de verdade, dissemina práticas ora de tolerância ora de preconceito sobre o outro. Segundo Foucault (2008), discurso é poder, nas palavras do referido autor, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar”. (FOUCAULT, 2008.p.10).

A linguagem enquanto instrumento de exercício do poder, move a mola propulsora das relações sociais, essas relações entrelaçadas em uma realidade sócio-histórica e ideológica determina quem detém esse poder, legítima e, ainda, interdita certos dizeres e sentidos. Partindo dessa compreensão analisaremos os discursos sobre a diversidade de gênero presentes nas charges virtuais que seguem vinculadas em sites da web.

### ***CHARGE 1-11ª Parada da Diversidade Sexual de Mato Grosso traz para pauta a laicidade do Brasil em defesa dos direitos LGBT***



Na materialidade discursiva os sentidos construídos sobre a identidade de gênero rememoram distintos espaço de memória que traduzem diferentes posições ideológicas. Tendo como objetivo refletir sobre a questão da posição do Estado brasileiro quanto às questões relativas ao respeito a diversidade sexual, a charge de Latuff, é permeada por um interdiscurso de natureza médica, advindo do século XIX que compreende a homossexualidade como patologia e que, como tal, precisa de métodos de cura, de um discurso de conotação religiosa, que suscita um saber discursivo que interdita a homossexualidade por ser diferente do padrão adâmico, compreendida durante muito tempo como uma sexualidade periférica (FOUCAULT, 2014), e de um discurso de feições políticas, uma vez que o país se define como um estado laico, e como tal, respeita a liberdade de crença religiosa, protegendo e respeitando as suas distintas manifestações.

A charge vinculada em um site direcionado a alunos e professores do Curso de direito, é parte não verbal, do texto que tematiza o acontecimento discursivo 11ª Parada da Diversidade Sexual de Mato Grosso, que ocorreu em 2013, visa discutir a influência do discurso religioso nas medidas e decisões sobre o direitos dos sujeitos homoafetivo, questionando sobre o a interferência de correntes religiosas em matérias sociopolíticas e culturais, no que diz respeito a diversidade de gênero.

A figura dos sujeitos com bíblias nas mãos que espanca o rapaz até a morte, representa a presença de um discurso religioso que exerce o controle sob os indivíduos que assumem uma identidade diferente da identidade adâmica. Essa identidade está simbolizada na camisa que ostenta bandeira, o símbolo mais expressivo do movimento do orgulho gay. As diferentes cores da bandeira simbolizam a diversidade na comunidade homossexual, reprimida pelo olhar de controle, de vigilância. Alicerçado em uma vontade de verdade que dessimina o preconceito e a intolerância que tem reforçado as ações homofóbicas, ratificadas por aquele que enquanto integrantes da comissão dos direitos humanos tem como função garantir o exercício do estado democrático de direito e a liberdade dos cidadãos, mas que ao contrario impõe a todos uma conduta, uma ideologia, legitimando certos dizeres e interditando e silenciando outros que se contrapõe a ideologia dominante.

O que se verifica é que embora perceba-se uma evolução, mudanças lentas se concretizam no que diz respeito aos direitos dos sujeitos homoafetivos, isso se dá porque a história de memória que sustenta a vontade de verdade sobre esses sujeitos, presente nos discursos em circulação na esfera social, está sustentado em dizeres, que se cristalizaram em um longo espaço de tempo, mas que tem se deparado com o discurso de resistência, que desliza, dando voz a outros sentidos, que escapam ao controle do poder, de sujeitos inscritos

em uma formação discursiva distinta, informados por outra história de memória, e portanto outra inscrição ideológica.

**CHARGE 3- “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”**



Configurando-se como parte integrante de uma entrevista concedida pelo deputado federal e candidato a presidência da Comissão de direitos Humanos Jair Bolsonaro (PP), ao jornal El País, no mês de abril, do ano corrente, a materialidade discursiva está perpassada por discursos advindas de formações discursivas distintas, materializado no embate ideológico que justifica o desejo de exercer, por meio da linguagem, o poder, o controle, a vigilância sobre o outro.

Visto durante um longo percurso da história da humanidade como um ser inferior, por apresentar uma sexualidade “ilegítima” o sujeito homoafetivo pós-moderno é fruto de um assujeitamento distinto do qual vinha sendo submetido desde a Idade Média. Essa interpelação contemporânea, permite que esse sujeito-de-direito assumira uma posição discursiva também distinta, possibilitando a sua atuação sobre o discurso até então dominante. Aqui configura-se o fato da ideologia está sujeita a falhas, a deslizes, dos sentidos, possibilitando a inscrição da produção do sentido em formas diversas de saber e de poder.

Como espaço de múltiplas identidades, o social é arena na qual se trava a luta pelo poder. No que diz respeito a sexualidade humana, essa arena é o lugar em que há muito a diversidade de gênero suscita discussões entre os sujeitos que desejam o acomodamento de todos os seres em uma identidade modelo em contraponto àqueles que com uma identidade plural insistem, por um lugar ao sol, pelo reconhecimento de sua individualidade. Esse embate ideológico está exemplificado na charge de Latuff.

Na materialidade discursiva os sentidos são construídos por meio de usos de símbolos referente à formação ideológica na qual cada sujeito, o sujeito homoafetivo e o deputado Jair Bolsonaro, se inscrevem,

O sujeito homoafetivo é retratado como um semideus. Trajado com a bandeira do movimento LGBT, as armas de combate são o símbolo e o texto legal, a constituição, que rege as relações sociais, econômicas, política, entre outras, em nosso país.

Segundo o discurso mitológico greco-romano, o semideus é um ser caracteriza-se por apresentar uma filiação divina, e que por isso, está acima de todos os seres humanos, dos simples mortais. Dada a essa sua característica, ele é mais forte do que os

humano, sendo, portanto, fruto da relação de um deus com um humano, ele transita entre o céu e a terra.

Como armas de defesa da causa homoafetiva, o semideus como símbolos, ostenta um escudo, a constituição brasileira, o discurso jurídico que garante a todos os cidadãos brasileiros igualdade perante a lei, sem extinção de qualquer natureza e conseqüentemente a imposição de sanções para àquele que transgredir a norma posta e como uma espécie de espada uma figura em que há a união dos dois símbolos ostentados pela causa homoafetiva, o símbolo de Marte que representa o masculino, ou seja, os sujeitos que se definem como gays e o símbolo de Vênus referente ao feminino, portanto, os sujeitos lésbicos.

Na busca de imposição de uma vontade de verdade defendida pela ideologia dominante o deputado Jair Bolsonaro apoia-se em um discurso religioso e médico para afirmar a irregularidade da escolha sexual. Para isto, usa como escudo a bíblia sagrada e como arma o crucifixo. Para os cristãos o discurso bíblico se sobrepõe sob qualquer outro discurso, e o crucifixo é um instrumento utilizado, durante séculos, pela igreja católica, na prática de rituais para exorcizar demônios.

A posição do deputado pauta-se em um saber discursivo segundo o qual a opção sexual dos homoafetivos é resultado de uma patologia. Em entrevista ao jornal El País o político afirma que a homoafetividade é uma conduta ilícita que resulta do consumo de drogas e das influências advindas das amizades, mas admite que existe pessoas com uma sexualidade distante da considerada regular, *“porque nascem com defeito de fábrica”*

Os sujeitos homoafetivos, segundo Bolsonaro, não são semideuses porque não são diferentes dos demais seres humanos, e não nascem com nenhuma qualificação especial, portanto, não tem características de composição genética e biológicas que justifique a sua identificação como um ser humano diferente, do padrão da sexualidade regular, composto pela dicotomia homem e mulher, oriunda do padrão Adão e Eva. Se são estes seres humanos normais estão sujeitos a todas as leis divinas.

Se inexistir qualquer outra possibilidade de conceber a sexualidade humana como normal, se distante do padrão adâmico, então todo aquele que encarna conduta diversa, é praticante de condutas demoníacas devendo ser exorcizado e purificado para ser novamente reintroduzido ao convívio social.

Tendo como cenário do acontecimento discursivo, o congresso nacional, lugar de onde provém todos os discursos jurídicos que regem as relações sociais e onde seguem as negociações que visam decidir sobre a eleição da comissão de Direitos Humanos na charge evidencia-se, também, a ocorrência de outro discurso permeado por uma história de memória eminentemente de conotação religiosa.

### **Considerações finais**

Enquanto acontecimento discursivo as charges suscitam distintos espaços de memória que são sustentados nas diferentes posições sujeitos em circulação no meio social. Os discursos que se entrelaçam nas charges resultam de posições sócio, histórica e ideológica distintas, mas ambos tem como finalidade o exercício do poder, o desejo do controle por meio da vigilância das condutas, de imposição ideológica dos sentidos produzidos em cada formação discursiva.

A formação discursiva, como explicitamos anteriormente, delimita o que pode e o que deve ser dito. Ela suscita, portanto, certos espaços de rememoração ao mesmo tempo que

silencia outros espaços de memória revestindo o dizer de uma camada de verdade que naturalmente é incutido nos discursos dos sujeitos nela inscritos. Os sujeitos condicionados a essa vontade de verdade, involuntariamente, tendem a rejeitar todo e qualquer discurso destoante daquele que está imerso na formação discursiva e que fornece a realidade do sentido.

Nas materialidades discursivas encontramos a materialização de discursos eminentemente de caráter *religioso* transpassada por um interdiscurso que concebe a homoafetividade como uma patologia, por destoar de padrão adâmico de sexualidade, em contraposição a um discurso *de defesa da diversidade* que tem como cerne um saber discursivo que compreende os sujeitos homoafetivos como sujeito de direito, e com tal, tem esses a liberdade de escolha de sua sexualidade.

O estudo das materialidades discursivas em circulação no ambiente virtual, em nosso caso as charges virtuais, permite compreender que os textos como lugar de manifestação da prática discursiva, na condição de espaço significante, é o lugar onde podemos observar de que forma as relações de poder estabelecidas em um contexto sócio-histórico específico são articuladas produzindo práticas de silenciamento, de censura ou resistência direcionadas aos sujeitos cujas identidades são desprestigiadas.

Os textos em circulação na mídia escrita, ecoam vozes ambientadoras das práticas culturais pós-moderna. Como representante da rede de memória que formata a ideologia da mídia escrita, o autor de textos vinculados no espaço midiático elabora, ou pretende assim fazer, seu texto tendo como panorama o seu interlocutor, um leitor imaginário, pensando a sua inscrição social e ideológica, na busca convencer. Mas como a leitura é uma questão de historicidade, é o leitor na perspectiva da Análise do discurso é um sujeito ativo que interage com o texto, onde habita um leitor virtual, esse leitor imaginário pode ser tanto “cúmplice” quanto um adversário aceitando, negociando ou questionando as vontades de verdade.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARBERO, Graciela Haydée. *A psicanálise e os modernos movimentos de “afirmação homossexual”*. In: pulsional > revista de psicanálise >> 8ano XVI, n. 170, junho/2003

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfose do discurso político: as derivas da fala pública*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. “*Analyse du discours politique*.” *Languages*, n.º 62, juin, 1981.

DIAS, Maria Berenice. *Revista brasileira de direito de família*, 2011 - [egov.ufsc.br](http://egov.ufsc.br)  
<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30790-33002-1-PB.pdf> acessado em 08/10/12.

FERNANDES, C.A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.



FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALLO, Solange Maria Leda. A internet como acontecimento. IN: (org) INDURSKY, F., MITTMANN, S. & FERREIRA, M. L. F. *Memória e história na /da Análise do discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

INDURKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P. & LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). *Discurso e textualidade*. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

LATUFF, Carlos. *As charges latuffianas*. Disponível em < [www.latuffcartoons.wordpress.com](http://www.latuffcartoons.wordpress.com) > Acesso em 10 de agosto de 2014.

LEÓN, Adriano de. E fez Deus homem e mulher e viu que era bom!: o discurso fundamentalista cristã e a segregação das subjetividade masculinas. IN: MACHADO, C. J. S. & NUNES, M. L. S. (org.). *Gênero & Sexualidade: perspectivas em debate*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB. 2007.

NAVARRO, Pedro. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: NAVARRO, Pedro (org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 59-70.

NUNES, Eliana RAMOS, Kátia Perez. Homossexualidade Humana: estudos na área da biologia e da psicologia. In: Intellectus – Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional – Ano 04 [nº 05] Jul./Dez. 2011

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade* tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. IN: SILVA, T. T. I. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2005.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P. & RODRIGUES, S. R. (org.) . *Discurso e Textualidade*. São Paulo: Pontes editora, 2010. p. 11-31

\_\_\_\_\_ Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editora, 2012.

\_\_\_\_\_ *Discurso em Análise: Sujeito, sentido e ideologia*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

PECHÊUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alli. *Papel da memória*. Campinas: Pontes.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2010.

SCARDUA, Anderson, FILHO Souza, & ALVES, Edson. *O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectiva homossexuais e heterossexuais reflexões críticas*. vol.19 no.3 Porto Alegre, 2009.

SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Em busca de novos mitos: A tecnologia como a possibilidade de reinvenção do humano*. IN: SILVA, A.P.D, NÓBREGA, G.M & RIBEIRO, M.G (orgs). *O mito do ciborque e outras representações do imaginário: androginia, identidade e cultura*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB . 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. IN: SILVA, T.T.I. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2005